

JOÃO PRA TUDO



14 SULTANA
TIPOS POPULARES - JOÃO PRA TUDO
 (WERNERSEN PICTURA)

Caríssimos leitores. Sultana, ao surgir a luz da publicidade, ao encetar seu valor de legista, os seus primeiros passos de ingressos se firmaram, não teve o não ter muito tempo a não ser este... proporcionar nos seus leitores, horas de leitura a-nima, e as p-las que perpetuem a posteridade a cul-tura das letras, para que possa mostrar à vindou-ra geração uma recordação do passado. E recorda-to é tão apra-dável. Certo, eu já que se fala aqui do passado que deita suspiros, e não do triste, porque na-gem pasta de reavivar aquele de amargura. Não recuáram, com oquidade nos seus avós, os tempos idos? Não nos mofamos empolgados ante discipulos de cultura e, não guardamos, com carinho religioso, documentos de-eras remotas? Assim la-ria os nossos filhos.

Occupamos uma e ou-tra época, e nesse espaço de tempo, abismamos pe-la carreira vertiginosa do progresso e a com os nos-sos olhos, dizem: «Co-mo temo diferentes os con-tinues de nossos avós!» Assim dirão no futuro os nossos filhos, portanto, leitores amigos, nada ma-



is joão de que, eu, quer perpetuar aqui a memoria d'aquelle que foi o rei dos tipos populares - João Prático - poeta honren-goso paulista. O rubico do d'outro - mal fructadas l'heas - deita christas sin-gela, ao passar em revista os tipos populares da sua bagrodista terra, abre paratibitica mente a sua-gela, para colhoar o retrato do-queho que há o mais apri-ciado dos seus tipos popu-lares, cuja perda Jundiray sente e sentira, e per-se-cuta secularum. Amen.

João Prático era querido. Ne-gro, ou cor-branco ou seccão - era exco-sivamente sus-citador sempre es-tubo, contador de feitos dos deuses à vista, um letrado com a pinta inoffensiva de estudante dos embolados, nada dos de sua alma, nada dos de sua imaginação re-pressiva. A rom-ma, sua l'he predilecta, ostentava, diariamente, na lapilla, e, bem abrevia, e enorme dava um que se-gravou no seu portacarneio um letrado de l'he-ocavivo; indiligente, sabia ser idalgamente po-pular. Era per-tido de mesmo; o bem por seu mal e o-querim. Ao da-joão evulso, na l'heira l'heira, as matizes contur-neo anunciava, pelas ruas da cidade, as horas do Tormento do Senebr, nas Sermões Sarda. Ambas trazem bem: gravações iniciais suas. Talvez não haja outra cidade que il-lustre a ventura de contar em seu meio, um tipo tal-sim inoffensivo popular. Jamais se encontra e não se vê no porvir se re-contrara. O 12 de Maio era um festa maxima. No - 28 - - a chid do João Prático, como ditam - nos-sas d'outro, erga-se o se-pulchro balco, que, há

SULTANA

BEIJOS . . .

Os seus beijos são a vida...
 O seu olhar é a vida...
 O seu sorriso é a vida...
 O seu abraço é a vida...
 O seu beijo é a vida...
 O seu olhar é a vida...
 O seu sorriso é a vida...
 O seu abraço é a vida...
 O seu beijo é a vida...

Facas & Fachadas

S.L.L.

Facas e Fachadas...
 Facas e Fachadas...
 Facas e Fachadas...
 Facas e Fachadas...
 Facas e Fachadas...
 Facas e Fachadas...
 Facas e Fachadas...
 Facas e Fachadas...
 Facas e Fachadas...
 Facas e Fachadas...

A revista Sultana – publicada nos anos 20 do século passado – dedicou suas principais páginas às vozes de excluídos sociais como João Para Tudo (também João Prá Tudo ou João Faz Tudo) e Daniel, o Trovador. Um feito editorial para a época, levado a cabo pelos jornalistas João Baptista Figueiredo e Casemiro Brites Figueiredo.

Apesar disto, outros autores empregaram determinados conceitos culturais e linguagens incorretas para o período, assim como para os dias de hoje.

TROVADOR



18

SULTANA

TYPOS POPULARES

II
SALVADOR. O TROVADOR

É o homem das canções e dos desafios a viola. Nos dias "chuvinhos" ou de "calor" sufocante nos seus olhos amortecentes — efeito do "espírito" — parece-se nelle a v-rve nordestina dos cantadores de lados e embolados. Anno Bom Reis, Carnaval, Semana Santa São João, Natal, Eloições, feriados nacionais, dias santos e . . . os demais do anno, elle o sempre disposto, ajudado pela crystallina "Pracatu", a dedilar nas cordas sonhantes da viola, canções dolentes e carnavalescas.

Rambo, Maruca, bano.
Bano e pa cardaky.
Cum todo mesé vas
Só contage não qué!

Nos seus vastos domínios (palataqueres de terra, lá p'ras bandas de Juquery, terras cças, na sua opimão, quasi ninhos de fadas, com castellos sumptuosos, cercados por lagos artificiaes, em cujas aguas serenas deslizam mansamente gondoles venezianas e em cujas praias de areias douradas brincam, imaginarios eymes encantados, arguho seu, a mostrar ao viandante que passa a pujança de seu pseudopoderio. Ai, de quem lhe usurpar os bens ou de destronar o dec-



Especial para
-SULTANA-

sa região maravilhosa, que só elle é capaz de governar, dirigindo o "leone salvador". Pensando nessas maravilhas elle canta.

Nam só nam só
Um vô, não quero!
Longe de meus jarreta
Merec' vas julis de aim.

Assim leva a vida esse bohemio incorrigivel e gozado. Não se esquece do dia 15 de Agosto, data essa que lhe é muito grata, pois que além de ser commensal predilecto dos deliciosos quitutes de "Mãe Perpetua", tem oportunidade de expor as gerrulas creanças, a leveza desses dedos agéis e a "macieza" de sua voz, em canções tão suas. Foi n'uma dessas festas que sua viola soluçou e elle cantou:

Sua dotó faiz anno
E faiz grande festança
Mãe Perpetua, trapalada
Beto o Vado na dança
— X —

Outro dia elle veio de azar para a cidade. Estava mesmo "chramonado", pois logo ao subir a Rua Barão, o corriqueiro photographo da "Sultana", zis, photographo o, aborrecendo-o bastante. Entra n'uma Pharmacia e procura sentar-se. Mas inexplicavelmente a

SULTANA

19

cadeira afastou-se (pixada por alguem) e elle depois de fazer n'ua "pirrieta" escaitouse no chão. Sabia desesperado, e ao atravessar a Praça Ruy Barbosa, deu com uma janella do Acngine de Emergencia aberta. Foi espiar. Uma lista d'agua fria, atirada à face, castigou-lhe a curiosidade. Foi a preta que lá habitava quem a tirou. Com tanto azar, elle resolveu voltar para casa, cantando:

Ramona,
Teus labios rubros de coral . . .
Não terminou. Ao descer a

escadaria do Morro do Grupo errou um degrão e desceu em acelerado e após percorrer velozmente os 110 degrãos, achou-se na calçada da Rua Vignrio, dizendo:

— Já sei! Foi a Ramona
Um gramophone, ao longe, excentava a "Ramona", mas o salvador, arrependido, cantava:

Fu hej-estó peçado
O zis lá rebá a lona.
Fô todo escangado
Su pre' causa da "Ramona".
Aro.



PMJ
UGC - AH

JOSÉ DO PATROCÍNIO, O ZÉ CARIOCA



José do Patrocínio Oliveira (Jundiá, 11 de fevereiro de 1904 – Los Angeles, 22 de dezembro de 1987), mais conhecido pelo pseudônimo Zé Carioca, foi um violonista, banjoísta e cavaquinista brasileiro.

Autodidata em instrumentos musicais, Zé Carioca tocava violão, cavaquinho e banjo. Trabalhou como funcionário do Instituto Butantan de São Paulo. Em 1931, passou a atuar na Orquestra Columbia, dirigida pelo maestro Gaó, apresentando-se na Rádio Cruzeiro do Sul. Nessa época, trocou o cavaquinho pelo banjo, o que lhe valeu o apelido de Zezinho do Banjo. Em 1932, foi para o Rio de Janeiro, por intermédio de César Ladeira, passando a atuar na Rádio Mayrink Veiga. Naquela emissora, trabalhou ao lado de grandes nomes do cenário artístico de então: Garoto, Pixinguinha, Nelson Souto, entre outros. Ladeira, quando passou a ser diretor artístico do Cassino da Urca, o levou para atuar na famosa casa. Foi ali que conheceu Carmen Miranda em 1939. Logo depois, seguiu para os Estados Unidos com a Orquestra de Romeu Silva, para atuar no Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial de Nova Iorque de 1939-40.



Carmen Miranda e os integrantes do grupo musical Bando da Lua (da esquerda para a direita Zé Carioca, Vadico, Nestor Amaral, Afonso, Stenio e Aloysio de Oliveira).



desenho animado produzida pelos estúdios Disney, no clássico *Você já Foi à Bahia?*, ao lado de Aurora Miranda.

Permaneceu nos Estados Unidos, trabalhando para a Disney Produções e atuando como músico. Nos últimos anos de vida, apresentou-se diversas vezes no Restaurante Marquis Martoni, em Hollywood. Voltou ao Brasil por várias ocasiões, especialmente nos anos 1980, onde se exibiu em alguns programas da Rede Globo, sob direção de A. C. Vannucci.



Por volta de 1940, assinou contrato com a **20th Century Fox**, para atuar ao lado de Carmen Miranda e do Bando da Lua, em vários filmes: *Uma Noite no Rio*, de I. Cummings, *Aconteceu em Havana*, de Walter Lang, além de outros. Foi nesta época que conheceu Walt Disney, por intermédio de Aloysio de Oliveira, passando a dublar personagens de desenhos animados. O contato com Disney inspirou o produtor americano a criar o personagem Zé Carioca, símbolo do bom malandro brasileiro. Em *Alô, Amigos*, além da dublagem do famoso papagaio, ele apareceu tocando *Na Baixa do Sapateiro* de Ary Barroso e *Tico-tico no Fubá*, de Zequinha de Abreu. Em 1944, voltou a dar voz a Zé Carioca e a atuar em mais uma combinação de filme e

PMJ
UGC - AN

Acesse a biografia do
Zé Carioca no **Wikipedia**
pelo QR Code ao lado:

